

Mulheres nos Refrigeradores: Protagonismo de Gail Simone no Mainstream de Histórias em Quadrinhos Estadunidenses

Women in Refrigerators: Gail Simone's Protagonism in the Mainstream of American Comics

Mujeres en refrigeradores: el protagonismo de Gail Simone en la corriente principal del cómic estadounidense

Savio Queiroz Lima ¹

Resumo: O trabalho debruça a atenção às presenças femininas nas produções de histórias em quadrinhos no mainstream do mercado estadunidense na passagem do milênio. Centrada no protagonismo ativista feminista de Gail Simone, pretende-se articular uma História das Mulheres no cenário de trabalho e produção de narrativas críticas nas histórias em quadrinhos de super-heróis. Em suas narrativas é possível extrair uma considerável quantidade de críticas sociais, principalmente em discursos carregados de humor e leveza, possivelmente fruto de suas experiências com o teatro. Mas Gail Simone é bastante conhecida por seu ativismo também fora das páginas das histórias em quadrinhos. Em março de 1999, Gail Simone junto a um grupo de feministas fundaram a página *Women in Refrigerators*, onde produzem listas de narrativas e personagens que fazem uso do apelo da violência de gênero para justificar dramas e glórias dos personagens masculinos. Deste modo, os diálogos sobre gênero, representações e performances, inseridos nos Estudos de História das Mulheres é crucial. Numa trajetória epistemológica que insere a biografia e os cotidianos aos estudos de gênero e os processos históricos que são envolvidos, em debates promovidos com Joan Scott, Michelle Perrot, Louise Tilly, Judith Butler, bell hooks, dentre outras. O trabalho objetiva sustentar debates sobre as presenças femininas em cenário que outrora foi de domínio masculino e que ainda hoje reproduz conservadorismos e promove reacionarismos.

Palavras-Chave: História das Mulheres, Histórias em Quadrinhos, Gail Simone.

Abstract: The paper work draws attention to the presence of women on the various american mainstream comic book stories in the market, in the Millenium shift. Centered on the feminist activism of Gail Simone, the paper intends to articulate a History of Women within the labor and production scenario of critical narratives in comic book stories of super heroes. It is possible to pin out a considerable amount of social critics from her narratives, specially in discourses fulfilled with sense of humor and weightlessness, perhaps due to her experiences with theatre. However, Gail Simone is also greatly well known for her activism outside the scope of comic books. In march 1999, she, along with a feminist group, have launched a webpage called *Women in Refrigerators*, in which lists of narratives and characters that make use of gender-based violence to justify dramas and glories of male characters are produced. Therefore, dialogues on gender, representations and performances are essential to the

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), sob orientação da profa. Dra. Mary Del Priore. Membro do *Grupo de Trabalho de Estudos de Gênero – ANPUH-BA (GT-Gênero-ANPUH-BA)*. Membro do *Laboratório de Estudos sobre a Transmissão e História Textual na Antiguidade e no Medievo (LETHAM)*. Membro da *Red Internacional Multidisciplinar en Estudios de Género (RIMEG)* das Universidad Nacional de Cuyo (Argentina), Universidade Federal de Bahia (UFBA) e Universidad de Sevilla (Sevilla, España). Membro do *Grupo de Pesquisa em Mídias, Tecnologias e História (MITECHIS)*. Autor do livro *Mulher Maravilha para Presidente! – História, Feminismos e Mitologia nas Histórias em Quadrinhos*, lançado em 2019. E-mail: savio_roz@yahoo.com.br.

Studies of the History of Women. The current paper urges to draw an epistemological course on the studies of gender and the historical processes regarding them, grounding in authors such as Joan Scott, Michelle Perrot, Louise Tilly, Judith Butler, bell hooks, dentre outras. The paper aims on sustaining debates on the presence of woman in scenarios that were once ruled by males and that, til the presente days, perpetuate conservadorism and promote reactionism.

Key words: History of Women, Comic Books, Gail Simone.

Resumen: El trabajo llama la atención sobre la presencia de las mujeres en las diversas historias del cómic estadounidense en el mercado, en el cambio de milenio. Centrado en el ativismo feminista de Gail Simone, el artículo pretende articular una Historia de las Mujeres dentro del escenario laboral y de producción de narrativas críticas en historias de cómics de superhéroes. Es posible detectar una cantidad considerable de críticas sociales en sus narrativas, especialmente en discursos llenos de sentido del humor e ingravidez, quizás debido a sus experiencias con el teatro. Sin embargo, Gail Simone también es muy conocida por su activismo fuera del ámbito de los cómics. En marzo de 1999, ella, junto con un grupo feminista, lanzó una página web llamada Mujeres en refrigeradores, en la que se producen listas de narrativas y personajes que hacen uso de la violencia de género para justificar dramas y glorias de personajes masculinos. Por lo tanto, los diálogos sobre género, representaciones y performances son esenciales para los Estudios de Historia de las Mujeres. El presente artículo insta a trazar un recorrido epistemológico sobre los estudios de género y los procesos históricos en torno a ellos, basándose en autores como Joan Scott, Michelle Perrot, Louise Tilly, Judith Butler, bell hooks, dentre outras. El artículo pretende sostener debates sobre la presencia de la mujer en escenarios alguna vez dominados por hombres y que, hasta el día de hoy, perpetúan el conservadurismo y promueven el reaccionarismo.

Palabras clave: Historia de la Mujer, Historietas, Gail Simone.

Introdução

Há uma latente malha elaborada temporalmente de representações e representatividades femininas nas histórias em quadrinhos. Os processos históricos de tais representações de gênero são reconhecíveis nas lacunas imaginativas que equilibram os quadros na leitura das histórias em quadrinhos, mas também são frutos das memórias e vivências das pessoas que se debruçam sobre a prancheta para escrever e desenhar essas ficções visuais expressivas nas páginas intermináveis de um mercado cada vez mais fulgurante.

O ponto central da discussão é a presença feminina de Gail Simone, autora de quadrinhos e produtora de debates críticos no cerne público. A estadunidense é protagonista de eventos relevantes sobre as mudanças ocorridas no próprio mercado de histórias em quadrinhos, inicialmente como crítica, através de site no formato blog com prosa bem-humorada, passando pela sua preponderante atividade no debate público *Women in Refrigerators* e posteriormente como autora de ficção de humor e de super-heróis para as grandes editoras. Por isso mesmo o trato historiográfico presente alicerça-se no sólido terreno da História Política renovada e no seu campo de análise reestruturado às demandas, a Biografia.

A biografada tem presença marcante na história do *mainstream* das histórias em quadrinhos, mesmo antes de ingressar como autora no mercado. *Mainstream*, este, formado especialmente pelas duas grandes editoras do mercado estadunidense, Marvel Comics e DC Comics, que interferem potencialmente no consumo mundial, inclusive brasileiro da mídia de entretenimento histórias em quadrinhos. Deste modo, as representações, discursos e imaginários presentes na mídia visual-textual ganham campos diversos de interferências, principalmente com seu público consumidor acompanhando tais mudanças nos campos das políticas progressistas de gênero no ocidente influenciado pela produção ficcional estadunidense.

Se cruzam, em tais epicentros de debate e instrumentos teóricos-metodológicos, o campo de estudos denominado História das Mulheres. Como parte de uma inequívoca intenção de mapeamento, recorte e crítica, o campo ainda recebe fortuitamente as contribuições nas diversas camadas de existência e produção humanas, dialogando com bastante proveito com o campo dos Estudos de Gênero e da História do Tempo Presente, através de uma ótica feminista. Fazendo com que o conjunto documental trabalhado, de entrevistas no ambiente virtual, produções bibliográficas e as próprias histórias em quadrinhos, seja abordado pelos aparatos teóricos de autoras sintonizadas com os supracitados campos, como Joan Scott, bell hooks, Michelle Perrot, dentre outras e outros.

Se faz, então, inicial exercício analítico da dinâmica entre a pessoa produtora de discursos e seus produtos no domínio das histórias em quadrinhos. O reordenamento de foco tanto de crítica política discursiva quando de presença e representatividade fazem com que a atriz histórica Gail Simone exerça protagonismo no contexto histórico observado, ofertando uma análise inclusive das antecedências dos debates de gênero e sexualidades nas histórias em quadrinhos no contexto de indústria de entretenimento estadunidense.

De Women in Refrigerators para Woman in Comics

A recente produção cinematográfica hollywoodiana do gênero de aventura de super-humanos vem apresentando um considerável número de super-heroínas. Em tempos de reacionarismos concretos, militantes e persistentes (LIMA, 2021a, p. 3), tal presença migrantes das páginas das histórias em quadrinhos para as telas despertou o debate sobre representações e representatividades de gênero no meio de produção e consumo da ficção de entretenimento. O lugar que as mulheres ocupam na imaginação ficcional super-heróica é afetado pelos lugares que as mulheres ocupam no próprio mercado que a produz.

Há uma disparidade participativa de autoras e artistas mulheres no mercado de histórias em quadrinhos estadunidense. Ao longo da História da mídia, muitas melhoras ocorreram, há um progresso numérico², mas que ainda está longe da igualdade nos diversos quesitos. Arrisco afirmar, ainda que sem pretensão alguma de ancorar esse dizer em dados sólidos, que as mulheres são mais representadas na imaginação fantástica dos quadrinhos que produtoras das identidades de gênero ficcionais das super-heroínas. Ainda que personagens femininas nos quadrinhos nem sempre recebam equidades de poderes e potencialidades que seus colegas masculinos³. Há uma historicidade perceptível nas presenças e ausências de mulheres ou nas performances que lhe são atribuídas (OLIVEIRA, 2007).

No caso das mulheres nas camadas de produção desse mercado de entretenimento, tal desigual presença é possível de historicizar. A pesquisa com a Mulher-Maravilha⁴ já apresentou esse vislumbre de disparidade que ganhou inicial melhoria a parte da segunda metade do século XX (LIMA, 2019, p. 203), mas que ainda mantém o número de mulheres bastante desigual ao número de homens na produção das narrativas e das artes. Isso reverbera diretamente na maneira que a representação é tratada, com interferências por experiências e imaginários bifurcados ao binarismo de gênero, e que a representatividade é prejudicada pela desproporcionalidade de discursos e das conexões de experiências femininas entre produtoras e leitoras, e, claro, todas as possibilidades de alteridades para com os marcadores sociais subalternizados pela sociedade estadunidense.

Se o presente nos permite uma aguerrida visibilidade através de lutas no mercado, são imprescindíveis os resgates das memórias das lutas do passado. Na história do *mainstream* estadunidense de histórias em quadrinhos as mulheres protagonizam narrativas sintomáticas com as conquistas dos movimentos feministas, já que “não é possível falar de feminismo no singular” (AUAD, 2003, p. 61), e suas produções mais sensíveis e críticas com a realidade são herdeiras de uma pretensão continuamente latente de melhoria da condição de gênero pela popularização do feminismo na cultura popular comercial através dos produtos de consumo midiáticos (FARRELL, 2004, pp. 18-19). Autoras, roteiristas e artistas de quadrinhos são parte

² O historiador e pesquisador Tim Hanley vem monitorando essas presenças, ainda em andamento, que podem ser vistas em: <https://thanley.wordpress.com/category/women-in-comics-statistics/>.

³ Esse conjunto de elementos, nomenclaturas, superpoderes e composição de equipes, são descritos em gráficos estatísticos por Amanda Shendruk em seu artigo *Analyzing the Gender Representation of 34,476 Comic Book Characters*, através dos dados obtidos pelo ComicVine de 34.476 personagens. Pode ser lido e apreciado seu trabalho estatístico em: <https://pudding.cool/2017/07/comics/>.

⁴ Fruto da dissertação de mestrado em História entre 2015 e 2017 que se tornou livro em 2019, com o título *Mulher-Maravilha Para Presidente! – História, Feminismos e Mitologia nas Histórias em Quadrinhos*.

de todo esse contexto de libertação das mulheres na história política estadunidense, e seus produtos artísticos-culturais trazem as cargas ideológicas combativas.

É importante salientar que os avanços dos estudos chamados História das Mulheres ainda transita nos espaços de produção das memórias. Não há nisso nenhuma completude, por se tratar de debates ainda vívidos nas políticas sexuais e/ou políticas de gênero tanto no contexto aqui eleito quanto na atualidade, pois “a história das mulheres e das relações entre os sexos coloca de maneira muito feliz a questão da permanência e da mudança, da modernidade e da ação, das rupturas e das continuidades, do invariante e da historicidade” (PERROT, 2005, pp. 25-26). É a compreensão de que as mulheres possuem uma História pouco tratada e que foram atrizes históricas da História hegemônica que as ocultam ou silenciam, e que não precisam de uma história à parte (SCOTT, 1995, p. 74). A História das Mulheres é o movimento social e campo de estudos (TILLY, 1994, p. 31) ainda pertinente para a historiografia e fortuito para a ampliação dos estudos históricos sobre as histórias em quadrinhos enquanto objetos-fonte, bem como suas roteiristas, editoras e artistas.

É neste contexto que se eleva a figura de Gail Simone, roteirista de histórias em quadrinhos de destaque na passagem do milênio. Protagonista de processos de transformação do meio, Simone já tinha em sua bagagem biográfica a postura crítica às disparidades representativas de gêneros no mercado hegemônico de quadrinhos estadunidenses. Pousa, junto com autoras como Louise Simonson, Ann Nocenti, G. Willow Wilson (LIMA, 2021b), dentre outras, no hall de mulheres na indústria. A indústria de entretenimento da mídia sofria quedas consideráveis, promovendo transformações que dividiam o público, com apostas em narrativas violentas e chauvinistas que logo estimularam críticas, como na minissérie *Kingdom Come*⁵, de Mark Waid e Alex Ross (WELDON, 2017, p. 216), obra crucial para o retorno da atenção de Simone aos quadrinhos, como leitora. Simone, em seu marcador social de gênero, centraliza entrecruzamentos de sentidos sociopolíticos do poder nos campos da ficcionalidade e do entretenimento e suas devidas representações (SCOTT, 1995, p. 76).

A biografia de Gail Simone torna-se estrutura de narrativa de memória e de historicidade pertinente para compreender suas ações e seus efeitos. Fragmentos narrativos são encontrados em diversas entrevistas que deu, descrevendo, por exemplo, sua proximidade com as histórias em quadrinhos por ter sua infância em ambiente rural, sem televisão, na costa oeste

⁵ Minissérie originalmente publicada em quatro edições entre maio e agosto de 1996, foi publicada pela editora Abril, com o título *O Reino do Amanhã*, também em 4 partes quinzenalmente entre os meses de julho e agosto de 1997.

estadunidense⁶. Sua formação na área de artes cênicas, pela Universidade de Oregon⁷, lapidou seu tino para o humor e as construções de personagens para a ficção, muitos dos quais eram presença constante nos momentos escapistas de lazer de sua infância⁸. Na pretensão de um vislumbre biográfico, atento aos riscos do panegírico, o protagonismo de Simone herda os traços de sua trajetória, em uma possibilidade de História Política da biografia reabilitada (LEVILLAIN, 2006, p. 176). A “ex-cabeleireira que escrevia críticas feministas dos quadrinhos na internet” (HOWE, 2013, p. 431) trilhou sua jornada adentrando a indústria de entretenimento das histórias em quadrinhos com os elementos constitutivos de suas experiências críticas.

Com uma inteligência humorística, através de diversas produções textuais, Gail Simone conquistou seu espaço no mercado de entretenimento. Críticas mordazes já se faziam presentes em sua prosa humorística para a coluna de internet *You'll All Be Sorry!*⁹ para o site *Comic Book Resources*, com paródias sobre os bastidores do meio (GOIDANICH, 2011, p. 439), até que adentrasse o mercado de histórias em quadrinhos como roteirista¹⁰. Primeiro escrevendo as histórias da franquia *Simpson*, para a editora Bongo Comics em 2001, posteriormente migrando sua criatividade jocosa em 2003 para as páginas de *Deadpool*, da Marvel Comics. Na editora DC Comics foi onde produziu narrativas para diversos personagens, com destaque para a equipe totalmente feminina *Birds of Prey* (Aves de Rapina) em 2003 (SIMONSON, 2011, p. 202), o título *Wonder Woman* em 2007 e *Batgirl* em 2011. Foi justamente nos enredos de Mulher-Maravilha que a autora pôde exercitar sua crítica social feminista, temperada equilibradamente de drama e humor, guiando a franquia da princesa amazona por um longo tempo, enriquecendo sua própria mitologia (LIMA, 2019, pp. 207-212).

A trajetória da autora-artista alicerçou seu ativismo vigorosamente no projeto de debate público chamado *Women in Refrigerators*. Trata-se de um site criado em março de 1999 por um grupo de feministas ligadas à cultura nerd-geek, fruto de diversas discussões em redes sociais que tinham por tema o questionamento crítico dos usos de personagens femininas como

⁶ Em resposta à entrevista de Stefan Halley para o site *Pop Syndicate*, em 10 de fevereiro de 2010, disponível em: https://web.archive.org/web/20100210073128/http://www.popsyndicate.com/archive/story/cape_3_gail_simone_interview.

⁷ Que ela relata em seu texto sobre o arco *The Circle*, na sua passagem pela revista *Wonder Woman*, em dado momento. Pode ser lido em: <https://gailsimone.tumblr.com/post/4635161350/the-circle-as-a-study-text>. Na entrevista cedida a Dennis R. Upkins, suas raízes rurais estadunidenses também aparecem como ponto crítico de construção de sua carreira. Citada a seguir, na próxima nota.

⁸ Conforme relata na entrevista para Dennis R. Upkins, originalmente publicada no site 30up TV, e preservada no acervo do próprio Upkins. Acessível em: <https://dennisupkins.wordpress.com/2022/03/15/gail-force-an-interview-with-the-indomitable-gail-simone/>.

⁹ A autora compilou o material textual da coluna em livro de mesmo nome, *You'll All Be Sorry!*, lançado pela editora About Comics em 2009, carregado de ilustrações de colegas da indústria.

¹⁰ A minibiografia presente no site da própria editora DC Comics foca em sua trajetória profissional. Pode ser acessada em: <https://www.dc.com/talent/gail-simone>.

elemento incentivador de ação dos heróis masculinos, geralmente através de violências de gênero, matando, espancando ou estuprando essas personagens (LIMA, 2019, p. 207-208). O site ainda existe, juntamente com a lista proposta pelas feministas fundantes¹¹. O uso de fontes digitais-virtuais é garantido, nesta investigação, fazendo a devida e criteriosa dedicação técnica, já que essas inovações trouxeram impactos positivos e negativos, com acesso e preservação de um lado e inseguranças e volatilidades de outro (LUCA, 2020, p 57-59).

O nome, cunhado pela própria Simone, vem de uma narrativa específica do período, onde a modalidade serviu de estopim do debate público através da internet. A tal “mulher no refrigerador” original é Alexandra DeWitt, então namorada do personagem Kyle Rayner, esquartejada¹² pelo vilão Major Força (DOUGALL, 2008, p. 145), que deixou seus restos mortais na geladeira do herói em uma cena dolorosamente violenta. Na trama, por conta de fotografias identificando Alexandra torna-se alvo do Major Força, enviado por uma controversa célula do governo estadunidense para recuperar o anel do Lanterna Verde, artefato alienígena poderoso. Seu desfecho violento acaba provocando a mudança de rumo moral do protagonista, outrora “inexperiente e indisciplinado” (COWSILL, 2010, p. 264) um amadurecimento forçado pela tragédia, para ser devidamente inserido no universo ficcional da editora, como personagem-produto recheado de dramaticidade. Mas Gail Simone viu o potencial crítico que a continuidade processual tinha para descrever os mecanismos narrativos de violência de gênero administrada na cultura romântica estadunidense expressa na ficção de super-heróis de histórias em quadrinhos.

A história em quadrinhos e seu autor são sintomas de uma realidade social que objetifica as mulheres em vítimas ideais para justificar o apogeu do herói-homem. Tal narrativa foi publicada originalmente na edição de número 54 da revista *Green Lantern* em agosto de 1994, nos roteiros do escritor estadunidense Ron Marz, acompanhado da arte de Darryl Banks¹³. Marz produziu uma resposta *mea culpa* que foi publicada no site¹⁴, onde considera que é o número majoritariamente maior de protagonistas masculinos heterossexuais que proporciona mulheres vítimas diretas ou indiretas, para constituir a dramaticidade narrativa, dizendo: “Como a maioria dos personagens principais são homens, uma maneira de introduzir a tragédia na vida

¹¹ Pode ser acessado atualmente em: <https://www.lby3.com/wir/>.

¹² O autor, Ron Marz, diz que a imagem sofreu censura e que isso criou a ilusão de ter sido um esquartejamento, mas que se tratou apenas do corpo encaixado no eletrodoméstico, no texto que respondeu às questões levantadas pelo site-fórum *Women in Refrigerators*, link em nota a seguir.

¹³ Saiu no Brasil pela editora Abril na edição de número 145 da revista mensal *Super-Homem*, em julho de 1996. Em julho de 2009 a editora Panini lançou o encadernado *Lanterna Verde - Crepúsculo Esmeralda / Novo Amanhecer*, com a republicação da história.

¹⁴ Pode ser lida completamente aqui: <https://www.lby3.com/wir/c-rmar.html>.

desse personagem é fazer com que algo prejudicial aconteça com uma mulher em sua vida”¹⁵. O roteirista nega ter produzido uma narrativa assumidamente sexista, mas ratifica consciência sobre o mercado refletir o machismo e misoginia da sociedade estadunidense do final do século XX.

A narração subjetiva em primeira pessoa foi corriqueira na década de 1990, e trazem-nos vestígios dos discursos, direto ou indireto do universo criativo do autor. Mesmo negando qualquer discurso essencialista do eixo sexo-gênero, “se o narrador é um homem, a mulher não existe independentemente dele” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 355), fazendo com que algumas sensibilidades produzidas pelas vivências e experiências femininas sejam ignoradas. Não há osmótica alteridade, exigindo que o diálogo seja produzido entre os gêneros para possibilitar uma masculinidade alternativa antissexista consciente e combativa (HOOKS, 2019a, p. 103-108). Nisso, o romantismo do trauma afetivo reforça a lógica sexista de valor e de potência entre o ente masculino, o Lanterna Verde, e o ente feminino, Alexandra, tratados com a naturalidade que incomodou Simone. Ou nas palavras dela: “Na verdade, foi uma história bem contada, mas uma parte de mim, como uma leitora que tinha visto muitas histórias como essa na época, apenas me resenti”¹⁶.

Por conta disso, seu projeto profissional estava desde sempre alinhado com seus objetivos ativistas. As inquietações sobre as desigualdades de gênero da cultura de entretenimento estadunidense guiaram Simone a valorizar e ampliar as potencialidades das super-heroínas em seus roteiros, contando com as vivências e experiências atreladas ao marcador social de gênero, tomando posterior consciência que a diversidade tinha uma amplitude maior diante das estruturas interseccionais de opressão. Em suas palavras: “Isso me fez perceber que meu objetivo inicial era muito superficial. Não poderia ser somente ‘oh, vamos criar mais novas personagens femininas’, provavelmente brancas, heterossexuais, apenas um poço diferente para cavar eternamente”¹⁷, e completou, “eu quero que os quadrinhos sejam para todos e, tão importante quanto, eu quero que todos tenham um quadrinho que pareça ser PARA

¹⁵ Tradução própria do trecho: “Since most main characters are male, a way of introducing tragedy into that character's life is to have something adverse happen to a woman in his life”. É latente que a condição de gênero masculina aqui está naturalizada como heterossexual pela hegemonia do imaginário social atravessado em Ron Marz.

¹⁶ Tradução própria do trecho: “It was actually a well-told story, but a part of me, as a female reader who had seen too many stories like that at the time, I just resented it”. Parte da entrevista cedida para Stefan Halley para o site Pop Syndicate, já mencionado.

¹⁷ Tradução própria do trecho: “That made me realize my initial goal was far too shallow. It couldn't be just, oh, let's create some new female characters, probably white, straight characters, that was just a different pit to shovel into endlessly”. Pertencente à entrevista cedida a Dennis R. Upkins já citada.

eles, uma diferença sutil, talvez”¹⁸. Os discursos confirmam a urgência de escutas para a produção de uma representatividade sintonizada com a diversidade, ainda que a pessoa produtora do discurso não exista em essência em todos os marcadores sociais subalternizados.

As críticas combativas às disparidades de gênero na ficção, beneficiárias de vivências e alteridades, produzem uma História Pública de curta duração. Sem carga panfletária alguma, Simone usa a ficção para subverter os sentidos hierárquicos do gênero nas suas representações, colocando a Mulher-Maravilha para ser dominante e proativa em seus afetos¹⁹, inserindo a personagem Alysia Yeoh, uma pessoa trans, na sua passagem na série mensal da *Batgirl*²⁰, dentre outras narrativas. Segue o objetivo militante de “apontar e modificar as desigualdades entre homens e mulheres” (SCOTT, 1994, p. 14), dentro da sua consciente condição social de personalidade pública e trabalhadora da indústria de entretenimento, interferindo na cultura política das mulheres (TILLY, 1994, p. 59). Consciente, também, dos privilégios de seus outros marcadores sociais²¹, de raça e classe (CRENSHAW, 1989), que asseguram um lugar possível de escuta de um pós-feminismo²².

O próprio contexto histórico das lutas pelas identidades dissidentes e subalternizadas, de onde os Estudos de Gênero se debruçam, indica sua fala. Quer sejam em ações públicas, participação virtual ou em contratos de consumo e apreciação, como são os casos das histórias em quadrinhos progressistas, “podemos encarar essas manifestações de massa como uma rejeição coletiva da precariedade induzida social e economicamente” (BUTLER, 2018, p. 22) pelo próprio sistema neoliberal. A passagem do milênio foi carregada de latências pelas visíveis conquistas progressistas diante da reação cada vez mais presente do conservadorismo-reacionarismo. Os Estudos de Gênero voltaram a ser alvos de setores moralistas que promovem a criminalização da política (MISKOLCI, 2018, p. 12) através de discursos falaciosos e convincentes de proteção das crianças/adolescentes inclusive no controle das histórias em quadrinhos nos Estados Unidos e no Brasil (LIMA, 2022a).

¹⁸ Tradução própria do trecho: “I want comics to be for everyone, and just as important, I want everyone to have a comic that feels like it’s FOR them, a subtle difference, maybe”. Presente na entrevista supracitada.

¹⁹ Quando a protagonista, Diana, corteja o personagem Nêtese, seu par romântico na trama, na edição de número 18 da revista *Wonder Woman* em maio de 2008, edição publicada no Brasil pela editora Panini na edição de número 77 da revista *Liga da Justiça*, em abril de 2009.

²⁰ Na edição de número 1 da revista *Batgirl* (em seu quarto volume) em novembro de 2011. Foi publicada no Brasil na edição de número 1 da revista *A Sombra do Batman* (volume 2) em junho de 2012, pela editora Panini.

²¹ Assumida na entrevista com Upkins.

²² O termo e toda carga de flexibilização político-ideológica está presente no artigo de Susan BOLOTIN (1982) na revista *New York Times*, bastante importante em minha abordagem sobre o Pós-Feminismo existe na ficção da Mulher-Hulk, no artigo *Mulher-Hulk – De Raivosa Monstra à Bem Humorada Advogada: Pós-Feminismo nos Quadrinhos dos anos de 1980*, publicado na edição 19 da revista *IdeAs – Idées d’Amériques* (LIMA, 2022b).

O protagonismo militante de Gail Simone germinou em sua proposta crítica no *Women in Refrigerator* e floresceu com sua ficção progressista nos quadrinhos. O apreço transitou Simone das paragens de fóruns e outros espaços de debate, para as páginas de histórias em quadrinhos em crescente ocupação do *mainstream* do mercado de entretenimento a partir da primeira década do século XXI. O debate público voltou às redes sociais (SIMONSON, 2011, p. 202), mas com a Simone como produtora para uma audiência ainda mais exigente no quesito representatividade, em um contexto de proximidade dos autores, das editoras e seus públicos consumidores cada vez mais diversos, amplos e crítico. Público leitor que questionou a hiperssexualização do *mainstream* nos anos de 1990 (LIMA, 2018, p. 11), criticou a representação de Mary Jane em uma estatueta lavando o uniforme do Homem-Aranha²³, julgou a nudez sugerida na performance devassada da Mulher-Aranha na capa de revista desenhada pelo artista italiano Milo Manara²⁴. As redes sociais e os fóruns criam uma reverberação potente o suficiente para atingir a grande mídia.

Simone assumiu uma proposta de representatividade no contexto progressista estadunidense no que diz respeito às políticas de gênero. O cenário político era de instabilidade maior na política externa que na política interna, ainda que não tomemos essa separação arbitrariamente (MILZA, 2003, p. 368), de um otimismo social ameaçado pelo terrorismo, mas que pouco prejudicou o vigor da editora DC Comics com sua nova editora-chefe, Diane Nelson (COWSILL, 2010, p. 293). Política não é nenhuma novidade na ficção, também não para o suporte histórias em quadrinhos, mas Simone encontrou uma conjuntura de fatores onde o debate sobre gênero, sexualidades e identidades havia se fortalecido para além do cenário acadêmico, agora como elemento de importância no debate público midiático. E o panorama com presença feminina nas camadas decisórias dos empreendimentos da indústria de entretenimento, ainda que sub-representada (ROSS, 2014, p. 47), bem como no público

²³ Produzida a partir do design do artista Adam Hughes, a estatueta reproduz uma imagem estilo pin-up da personagem Mary Jane lavando, como uma “boa garota”, o emblemático uniforme do Homem-Aranha. Lançada pela empresa *SideShow Collectibles* em 2007, o simples anúncio da peça *Mary Jane Comiquette* causou indignação e controvérsia sobre a sexualização da personagem ou a sua depreciação no ato de natureza o trabalho doméstico comum à disparidade de gênero, a ponto de alcançar a grande mídia, como *The New York Post*, *Fox News*, *MSN-BC*, dentre outras. O site *Newsarama* fez uma entrevista com o artista logo após o frenesi midiático iniciado na internet e pode ser lida aqui no fórum do site entre os dias 25 de maio de 2007 e 23 de maio de 2013: <https://web.archive.org/web/20070905105510/http://forum.newsarama.com/showthread.php?t=113690>.

²⁴ Em agosto 2014 a editora Marvel Comics anunciou o convite ao artista italiano Milo Manara, famoso por seus quadrinhos eróticos, para produzir uma capa alternativa para a revista *Spider-Woman* de número 1. A pose erótica, bastante comum para a linguagem do gênero narrativo a que o artista está acostumado, entretanto, causou enorme descontentamento do público nas redes sociais, alcançando os meios de comunicação mais tradicionais, como a revista *Time*, o jornal *The Guardian Post*, dentre outros. Recentemente a imagem foi leiloada por alto valor, por conta de toda fama, e o evento pode ser lido aqui: <https://screenrant.com/marvel-controversy-spider-woman-cover-milo-manara-comics/>.

consumidor cada vez mais diversificado (WELDON, 2017, p. 228), formado por um número considerável de meninas, moças e mulheres.

E Gail Simone não estava, obviamente, sozinha, pois a sua geração foi marcada por muitas quadrinhistas disposta a tratar de questões socialmente sensíveis. A Louise Simonson marcou sua carreira como editora-sênior das editoras Warren Publishing e Marvel Comics, entre as décadas de 1970 e 1980, assumindo os roteiros de muitas histórias para a franquia dos X-men e seus personagens e grupos correlatos, e migrou para a editora DC Comics na década de 1990 já comandando um título do Superman (GOIDANICH, 2011, p. 439). A roteirista Ann Nocenti assumiu o título *Daredevil* logo após a saída de Frank Miller, célebre autor de obras canonizadas pela indústria e pelo público, demonstrando uma potência narrativa para a editora Marvel Comics entre as décadas de 1980 e 1990 (GOIDANICH, 2011, p. 347), assumindo algumas narrativas para a DC Comics entre as décadas de 1990 e 2010. Outras tantas poderiam ser citadas, mas os exemplos acima, ambas autoras estadunidenses, trazem as características mais sensíveis de narrativas carregadas de alteridade e crítica social, acusando esforços diversos para escapar ao imaginário sexista de que são meras imitadoras dos homens (PERROT, 2019, p. 97).

A produção ficcional de Gail Simone para a indústria de entretenimento das histórias em quadrinhos está carregada dessa crítica social. Seus discursos foram muito além das searas da ficção, transitando para palestras na Casa Branca, sede do governo federal estadunidense, sobre necessidades especiais e sexualidades, e na Organização das Nações Unidas (ONU), sobre representatividade feminina²⁵. A escolha de sua biografia tratada pelos estudos de políticas de gênero nos permite contemplar singularidades discursivas de uma militância protagonista da inserção feminina no mercado de histórias em quadrinhos. Simone conforma a operação da representação política das mulheres enquanto sujeitos políticos com legitimidade e visibilidade (BUTLER, 2019, p. 18), através de sua produção narrativa crítica nas histórias em quadrinhos.

Deste modo, é pertinente que o trato biográfico e político da vivência, ativismo e protagonismo de Gail Simone nos guie a entender as transformações no mercado. Essa produção crítica tanto previamente como em constância e maturação fortalecem a História das Mulheres para a seara da indústria cultural de entretenimento das histórias em quadrinhos, principalmente no campo de debate dos Estudos de Gênero e Sexualidades e como revolvem a luta das identidades subalternizadas, quer seja na opinião pública estadunidense ou nos

²⁵ Nas memórias que retomou durante a entrevista com Upkins.

mercados internacionais onde são consumidas. Ativismos estes que ainda hoje se fazem necessários com as pulsões conservadoras-reacionárias atualizadas.

Conclusão

O protagonismo de Gail Simone no *mainstream* das histórias em quadrinhos revela-se potente como ponto central de uma crítica historiográfica. Nos descreve as dinâmicas de poder exercidas na indústria cultural de entretenimento das histórias em quadrinhos tão marcada de disparidade representativa de gênero. No processo histórico do século XX de ordenamento das demandas e das lutas dos grupos subalternizados nos Estados Unidos, o campo de batalha da ficção nos é tão importante quanto as assembleias e os protestos.

É possível entender, através do processo de análise de sua biografia pelo trato político e de sua produção pelas críticas sobre os discursos e representações, a relação com o poder. Na ilha amazona onde Simone se localiza, no mar do mercado de histórias em quadrinhos, cultura e poderes são conceitos e práxis herdados de um imaginário negativo do século XIX que foi desde este momento, ressignificado positivamente (PERROT, 2020, p. 179). O exercício narrativo de valorização de representatividade esteve sempre associado com as perspectivas feministas de poder, tanto no que diz respeito ao empoderamento feminino, ou seja, a tomada feminina do poder, mas, também, do uso do poder já estabelecido, que no caso está atrelado ao discurso de valor dentro da ficção, para o confronto à dominação masculina (HOOKS, 2019b, p. 131).

O campo da História das Mulheres ainda mantém sua possibilidade de mapeamento de cenários, como no caso da camada de produção dos quadrinhos. Principalmente ao se reconhecer os traços e sustentáculos políticos na abordagem biográfica de Gail Simone e no pináculo crítico que foi a sua interpelação sobre as representações femininas nos quadrinhos em *Women in Refrigerators*. A lista levantada pelo grupo liderado por Simone produz fontes crítico-narrativas sobre as representações femininas nas estruturas românticas da ficção e seu valor de memória e de discurso. A inquietação pessoal que reuniu as pessoas arquitetas do debate público em *Women in Refrigerators* é a (re)afirmação de que “o pessoal é político (FARRELL, 2004, p. 37-38) e que a indústria cultural de entretenimento das histórias em quadrinhos é um aquecido campo de disputa.

Longe de um fechamento concludente, esta pesquisa abre possibilidades de análise de outras mulheres de destaque no meio. E isso nos permite ampliar tanto os estudos dessas biografias no campo político feminista quanto de suas produções no meio de entretenimento

das histórias em quadrinhos através de iconografias, representações, discursos e narrativas que possam ser trabalhadas através das discussões mais eficazes dos Estudos de Gênero e a produção de uma crítica engajada. Tais presenças são alicerces importantíssimos para as transformações esperadas no meio, tanto na questão trabalhista de gênero quanto nas possibilidades militantes de suas vivências e de suas representatividades.

A diversidade é um ponto de grande impacto para a ficção, promover nela a equidade necessária para o bem-estar social. Deste modo, é pertinente que as memórias de agentes históricos como Gail Simone e Dwayne McDuffie (REGAGNAN; LIMA, 2021) sejam trabalhadas pela historiografia dialogicamente auxiliada pelo debate enriquecedor dos Estados de Gênero. Simone aplicou seu ressentimento no debate público e depois a sua militância no mercado, corroborando para as mudanças por vir e as conquistas por manter, pois “à medida que mais e mais mulheres produzem histórias em quadrinhos e comentários sendo bem-sucedidas, pelos padrões críticos e/ou comerciais, isso vai quebrar paredes mais rápido do que qualquer outra coisa que foi tentada no passado”²⁶.

Referências

- AUAD, Daniela. **Feminismo – Que História é Essa?**. Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2003.
- BOLOTIN, Susan. **Voice From the Post-Feminist Generation**. In: *New York Times*, 17 de outubro de 1982. Acessado em: 1 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1982/10/17/magazine/voices-from-the-post-feminist-generation.html>.
- BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas – Notas para uma Teoria Performativa de Assembleia**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Coleção Sujeito & História. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2019.
- COWSILL, Alan; *et all.* **DC Comics: Year by Year – A Visual Chronicle**. Editora DK – Dorling Kindersley, Nova York, 2010.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. In: *University of Chicago Legal Forum*, Edição 1, artigo 8, 1989: Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>.
- DOTTIN-ORSINI, Mireille. **A Mulher que Eles Chamavam Fatal – Textos e Imagens da Misoginia fin-de-siècle**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996.

²⁶ Tradução própria de: “As more and more women produce comics and commentary and are successful, by critical and/or commercial standards, that’s going to smash walls faster than any number of things that have been tried in the past”. Disponível em: <https://thanley.wordpress.com/category/women-in-comics-statistics/>.

LIMA, Sávio Q.

Mulheres nos Refrigeradores: Protagonismo de Gail Simone no Mainstream de Histórias em Quadrinhos Estadunidenses

DOUGALL, Alastair (ed). **The DC Comics Encyclopedia – The Definitive Guide to the Characters of the DC Universe**. Textos de Scott Beatty, Robert Greenberg, Phil Jimenez e Dan Wallace. Editora DK, Londres, 2008.

FARRELL, Amy Erdman. **A Ms Magazine e a Promessa do Feminismo Popular**. Editora Barracuda, São Paulo, 2004.

GOIDANICH, Hiron Cardoso. **Enciclopédia dos Quadrinhos / Goida e André Kleinert**. Editora L&PM, Porto Alegre, 2011.

HOOKS, Bell. **O Feminismo é para Todo Mundo – Políticas Arrebatadoras**. Tradução Bhuvi Libânio. 8ª Edição. Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2019a.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista: Da Margem ao Centro**. Editora Perspectiva, São Paulo, 2019b.

HOWE, Sean. **Marvel Comics: A História Secreta**. Editora Leya. São Paulo, 2013.

LEVILLAIN, Philippe. **Os Protagonistas das Biografias**. In: REMOND, Remi. *Por Uma História Política*. Editora PUC – Contraponto, Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, Savio Queiroz. **A História Estética da Mulher Maravilha: Vestuário e Padrões de Beleza Refletidos nas Histórias em Quadrinhos**. In: *Anais do XVIII Encontro de História da ANPUH-RJ: História e Parcerias*. Niterói, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529643472_ARQUIVO_MulherMaravilhaBelezaEstetica2018.pdf.

LIMA, Savio Queiroz. **Ascensão do Conservadorismo-Reacionarismo e a Resposta da Ficção de Entretenimento das Histórias em Quadrinhos**. In: *Revista Pesquisa & Educação à Distância*, número 8, Suplemento Especial – Universidade Salgado de Oliveira (Universo), 2021a. Disponível em: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=2013EAD1&page=article&op=view&path%5B%5D=9246>.

LIMA, Savio Queiroz. **Histórias em Quadrinhos e Juventude**. In: PRIORE, Mary Del (org). *História dos Jovens no Brasil*. Editora Unesp, São Paulo, 2022a.

LIMA, Savio Queiroz. **Mulher-Hulk – De Raivosa Monstra à Bem Humorada Advogada: Pós-Feminismo nos Quadrinhos dos anos de 1980**. In: *IdeAs – Idées d’Amérique*, n 19, 2022b. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ideas/12389>.

LIMA, Savio Queiroz. **Mulher-Maravilha para Presidente! – História, Feminismos e Mitologia nas Histórias em Quadrinhos**. Editora Devires, Salvador, 2019.

LIMA, Savio Queiroz. **Supermulheres entre a História e a Ficção: Histórias em Quadrinhos Enquanto Fontes Históricas para o Combate à Violência Contra as Mulheres**. In: *Anais do XXII Encontro Regional de História da ANPUH-MG 2020 – Volume 2*, p. 137, 2021b. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1o2IhFrApfPPNewqmt7qMdsrVgeWgH2X/view>.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de Pesquisa em História**. Editora Contexto, São Paulo, 2020.

MISKOLCI, Richard. **Exorcizando um Fantasma: Os Interesses por trás do Combate à “Ideologia de Gênero”**. In: *Cadernos Pagu* (53), Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, São Paulo, 2018.

MILZA, Pierre. **Política Interna e Política Externa**. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2ª edição. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2003.

LIMA, Sávio Q.

Mulheres nos Refrigeradores: Protagonismo de Gail Simone no Mainstream de Histórias em Quadrinhos Estadunidenses

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao Quadrado: As Representações Femininas nos Quadrinhos Norte-Americanos: Permanências e Ressonâncias (1895-1990)*. Editora UnB, Brasília, 2007.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou Os Silêncios da História**. Editora Edusc, Bauru, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2ª edição. Editora Contexto, São Paulo, 2019.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. 9ª edição. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2020.

REGAGNAN, Isabela Rodrigues; LIMA, Savio Queiroz. “**Ah África, Terra Mãe, Berço da Humanidade**”: Uma Proposta de Ensino de História da África a Partir do Desenho **Super-choque**. In: *Revista em Favor de Igualdade Racial*, [S. 1.], volume 4, número 3, pp. 100–114, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/5066>.

ROSS, Karen. **Women in Decision-making Structures in Media**. In: UNESCO. *Media and Gender: A Scholarly Agenda for the Global Alliance on Media and Gender*. Editora da Unesco, Paris, 2014, pp. 44-48. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000228399.locale=en>.

SCOTT, Joan Scott. **Prefácio a Gender and Politics of History**. In: *Caderno Pagu (3)* – Núcleo de Estudos de Gênero, São Paulo, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma Categoria Útil de Análise Histórica**. Tradução: Guacira Lopes Louro. In: *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIMONSON, Louise. **DC Comics Covergirls**. Editora Universe Publishing, Nova York, 2011.

TILLY, Louise. **Gênero, História das Mulheres e História Social**. Cadernos Pagu (3), Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, São Paulo, 1994.

WELDON, Glen. *A Cruzada Mascarada: Batman e o Nascimento da Cultura Nerd*. Pixel e Ediouro, São Paulo, 2017.

Submetido em 15/08/2023

Aceito em 16/04/2023